



Instrução de Sobrevivência na Selva e no Mar - Capacitação operacional

Cap.-Inf. Alexandre Rothier Duarte

Histórico

Desde 1974 até os dias de hoje, as instruções de sobrevivência ministradas aos cadetes dos cursos de formação de oficiais na AFA passaram por fases distintas com relação à sua aplicação.

De 1974 a 1985

Nesse período, as instruções práticas de sobrevivência na selva eram executadas, em sua maioria, na região do Parque Nacional do Xingu - MT, sofrendo prejuízos de continuidade em virtude de cancelamentos esporádicos que ocorriam, na maior parte das vezes, por motivos financeiros.

No tocante às instruções em mar, eram realizadas na Restinga da Marambaia ou na Baía de Sepetiba, ambos no Rio de Janeiro, tendo passado pelos mesmos problemas alusivos às instruções em selva.

De 1986 a 1993

Essa época foi caracterizada por instruções realizadas na área da própria Academia. Como selva, utilizava-se a mata ciliar ao longo do perímetro da AFA demarcado pelo Rio Mogi-Guaçu, e para a prática de sobrevivência no mar o cenário era a lagoa ao sul da Organização.

Cabe ressaltar que, mesmo com a realização dos exercícios, vários fatores contribuíam para que os objetivos não fossem alcançados no nível desejado, a saber:

Selva

- condições climáticas mais amenas;
- tipo de mata mais acessível e pouco extensa;
- impossibilidade de caça;
- impossibilidade de desmatamento;
- falta de realismo causado pelo fato de os cadetes conhecerem a região; e
- restrição com relação à execução de algumas tarefas em detrimento dos demais fatores.

Mar

- condições climáticas mais amenas;
- falta de salinidade na água; e
- falta de realismo causado pelo fato de os cadetes conhecerem o local.

De 1994 a 1997

O ano de 1994 foi o marco de uma nova era com relação à instrução militar na AFA. O nível técnico das instruções ministradas aos cadetes ascendeu sensivelmente, de forma a capacitá-los a atuarem como combatentes básicos em qualquer situação que se depaassem como oficiais.

Nessa gama de conhecimentos que era transmitida, iniciavam-se, mais uma vez, as instruções práticas de sobrevivência. Para selva, utilizou-se a área de instrução do Campo de Provas Brigadeiro Veloso em Cachimbo-PA, e para mar, nos dois primeiros anos o

local escolhido foi a Baía de Sepetiba-RJ, tendo sido realizada nos demais anos em Florianópolis-SC.

Apesar de tudo indicar que as instruções em lide iam tomando seu lugar na formação do cadete, uma decisão de comando anulou tudo o que se tinha reconquistado e, com isso, os oficiais formados pela AFA, nos últimos quatro anos, não têm o conhecimento necessário para sobreviver em regiões adversas. Esse contexto ainda representa a situação atual da formação do nosso futuro oficial.

Situação Atual

Em 1998, através do ofício nº 008/DG/186, de 09 de março, o Exmo. Sr. Diretor Geral de Ensino da Aeronáutica decidiu realizar alterações nos Currículos Mínimos dos cursos de formação de oficiais da AFA, entre elas, retirar as disciplinas de Sobrevivência na Selva e no Mar, situação que se estende até os dias de hoje.

O cancelamento dessas disciplinas fez com que a SIM-CCAer adotasse medidas paliativas a fim de proporcionar conhecimentos sobre a matéria em questão aos cadetes, buscando capacitá-los a atuar, com o mínimo de proficiência, em possíveis situações reais de sobrevivência.

Tais conhecimentos foram diluídos ao longo de três exercícios de campanha durante a fase de formação.

No **Exercício de Campanha 1**, além de outros conhecimentos, o cadete aprende os principais tipos de nós e amarrações, orientação com o auxílio de bússola e distância, obtenção de fogo das mais diversas formas possíveis, construção de abrigos utilizando seu próprio poncho, manuseio da ração R4-b que compõem os kits de sobrevivência da FAB, e, por fim, realiza um bivaque, ou seja, um pernoite sem apoio de UCI, praticando os conhecimentos adquiridos teoricamente.



No **Exercício de Campanha 2**, em complemento ao que aprendeu no ano anterior, ainda são transmitidos conhecimentos sobre obtenção de alimentos de origem animal e vegetal, obtenção de água, armadilhas, abrigos, salvamento de afogados e orientação com o auxílio de carta e bússola.

No **Exercício de Campanha 3**, o cadete coloca em prática todos os conhecimentos adquiridos nos anos anteriores a fim de aperfeiçoá-los o máximo possível.

Ainda assim, por não haver amparo curricular, falta oportunidade e tempo para se ministrar e, principalmente, praticar os conhecimentos fundamentais necessários à assimilação do assunto em lide. Isso fica extremamente caracterizado no tocante à sobrevivência no mar, em que o único conhecimento abordado, possível de ser diluído em um exercício de campo, é Salvamento de Afogados.

Apesar da preocupação em transmitir os conhecimentos acima citados, o fato é que, nos últimos anos, os oficiais recém-formados têm sido classificados nas diversas Organizações da FAB sem capacitação operacional para enfrentar situações reais de sobrevivência, daí a necessidade da reimplantação das instruções práticas em regiões apropriadas.

A Reimplantação

Para que se possa retornar com a prática das instruções de sobrevivência para os cadetes, será apresentado neste capítulo um delineamento das providências e das necessidades de recursos em nível material e humano.

A **Reavaliação dos Currículos Mínimos** é uma etapa atribuída ao DEPENS com o assessoramento da AFA, na qual deverão ser analisadas as cargas-horárias dos três cursos (CFOAv, CFOInt e CFOInf) de forma a definir se há disponibilidade para a inclusão das instruções em lide ou, caso negativo, quais

disciplinas já existentes teriam seus tempos reduzidos.

Para a instrução de sobrevivência na selva é necessária uma CH de quarenta e oito tempos de aula (sete dias de instrução) e para sobrevivência no mar, quarenta tempos (cinco dias de instrução).

Considerando que a prática de sobrevivência na selva será realizada na área do Campo de Provas Brigadeiro Velloso (CPBV), que para a instrução no mar a região escolhida é Florianópolis e que o efetivo médio envolvido nas atividades é de cento e cinquenta cadetes, o apoio necessário será o seguinte:

Esforço Aéreo

Para transporte de pessoal e material durante todo o exercício, na selva, inclusive nas fases de preparação e retorno, são necessárias cinquenta e cinco horas de vôo da aeronave C-130.

É imprescindível a presença de um helicóptero CH-34 ou UH-1H no local da instrução para resgate em situações de emergência e, ainda, para o transporte de determinados tipos de material que não podem ser transportados por terra devido às condições das estradas. Para tal, com base nas estatísticas da época em que havia a instrução, a necessidade seria de cerca de vinte horas de vôo.

Por fim, uma aeronave C-95 deve permanecer no Campo de Provas para uma possível EVAM. A AFA possui um Bandeirante orgânico que poderia ser utilizado para este fim e, caso não houvesse nenhuma evacuação, o esforço aéreo seria de 12 horas para os deslocamentos.

Para o transporte de pessoal e material durante todo o exercício, no mar, inclusive nas fases de preparação e retorno, são necessárias vinte e oito horas de C-91 e vinte horas de C-95, sendo este o orgânico da AFA.



Recursos Humanos

Para ambas as atividades, a FAB possui pessoal especializado para atuar na instrução e no apoio. O Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento, PARA-SAR, é plenamente capacitado a ministrar as referidas instruções e ainda conta com pessoal especializado do efetivo da AFA. Esta possui uma UCI equipada com totais condições de apoiar todas as atividades.

Recursos Financeiros

Com base nos valores atuais, para ajudas de custo e diárias seriam gastos para as instruções de sobrevivência na selva e no mar cerca de R\$ 30.000,00 e R\$ 12.000,00, respectivamente. Faz-se ainda necessária a quantia de R\$ 4.000,00 em Suprimento de Fundos, dividida para as duas atividades, a fim de ser aplicada em despesas de pequenos vultos.

Uma vez expostos os problemas da não capacitação operacional para atuar em circunstâncias desta natureza e a conseqüente apresentação de uma solução para o assunto, é oportuno fazer um retrospecto do tema em questão, realçando os principais aspectos abordados.

Conclusão

A proposta de reimplantação das instruções práticas de sobrevivência na selva e no mar nos currículos dos cursos de formação da AFA vem a ser a solução para minimizar as chances de insucesso de uma tripulação após um acidente aeronáutico.

No início deste estudo, foi apresentado um histórico das instruções em que ficaram caracterizados prejuízos à formação em virtude da falta de continuidade, porém, no último período exposto, estavam sendo realizadas dentro dos padrões adequados para se alcançar os objetivos.

Ficou evidenciado que a situação atual preocupa, uma vez que os cadetes não são

submetidos a um nível de instrução que os possibilite assimilar os conhecimentos de forma a colocá-los em prática em condições reais.

Por último, foi delineada a reimplantação das instruções em lide, que trará como principal benefício a capacitação operacional dos futuros oficiais para atuar em contextos reais de sobrevivência, que se pode traduzir em manutenção da vida, fator que não tem preço.

Destaca-se, assim, a importância desta reimplantação, pois a mesma se traduz em prevenção de vidas, fator em que não se analisa custo/benefício, pois um combatente vivo não tem preço.

Por fim, para resumir o sentimento de um sobrevivente em uma situação real, fica o pensamento de um autor desconhecido:

“O ato de sobreviver não é apenas um desejo de não morrer, mas, acima de tudo, uma vontade de querer viver.”

REFERÊNCIAS

BRASIL. Comando do Exército. Centro de Instrução de Guerra na Selva. Sobrevivência na Selva. Versão 1.1. Confecção e direitos autorais: CIGS: Centro de Instrução de Guerra na Selva. Barueri: Videolar S.A. [S.d.]. 1 CD-ROM.

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Departamento de Ensino. Currículo Mínimo do Curso de Formação de Oficiais Aviadores. Brasília, 1998. (IMA 37-113).

_____. Currículo Mínimo do Curso de Formação de Oficiais de Infantaria. Brasília, 1998. (IMA 37-89).

_____. Currículo Mínimo do Curso de Formação de Oficiais Intendentes. Brasília, 1998. (IMA 37-66).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Diretoria de Rotas Aéreas. Manual de Sobrevivência. Brasília, 1965. (MMA-DR-64-2).

